



*Viagem ao Céu* (2019). Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí. Coordenação: Rogério Vianna. Foto: Sabrina Magalhães.

manipulação e conquistar bons resultados nas cenas.

Sempre me preocupo com o conforto do ator: respeitar o funcionamento e os limites do corpo, postura, visibilidade e a segurança são aspectos muito importantes, e devem ser tratados com muita atenção.

Na busca por mecanismos de movimento acabei chegando a essa estrutura de móbile, pêndulo ou balança, não sei como chamar exatamente. É um tipo de mecanismo que trouxe resultados interessantes e que pretendo investigar ainda mais. Estão presentes na estrutura do Tatu Maestro, da Fênix, no Elefante e no Dragão. Esse sistema complementa a manipulação do ator, enriquecendo os gestos e dando naturalidade aos movimentos. Também

pode ser acionado pela ação de deslocamento, por um impulso inicial ou só pelo vento.

Penso que o boneco é um ser sobrenatural. A partir do momento que se configura como boneco deixa de ser apenas matéria, transforma-se em um ser encantado, que nunca voltará a ser apenas papelão e cola. Ele jamais deixará de ser quem é, diferentemente do ator que, ao tirar o figurino, deixa de ser o personagem. Às vezes ficam guardados nas estantes e estão lá, quietos, imóveis, mas continuam a ser quem são.

Gosto de ficar olhando para o Tatu Maestro, que, ativado pelo vento, passa o dia regendo o som que vem do pátio, entregando sua mensagem, incessantemente...

## MINHA VIDA DE BONEQUEIRO

**Paulo Nazareno Bernardo<sup>1</sup>**

Nasci num inverno frio de julho da serra catarinense, na cidade de São Joaquim e logo minha família se mudou para a serra gaúcha, em Caxias do Sul, lugar onde morei por 35 anos, conheci, desenvolvi a arte dos bonecos e formei a minha família.

Desde os seis anos de idade já mostrava habilidade para as artes plásticas, fabricava brinquedos com caixinhas de papelão, de madeira e tudo que encontrava. Lembro de um programa de TV que ensinava a fazer brinquedos, bonecos e que eu os construía sozinho. Hoje sei que nasci para isso.

Faz vinte e seis anos conheci o bonequeiro Alexandre Boss, apresentado por um amigo produtor cultural. Eu estava com dezoito anos, com formação técnica no SENAI como ajustador mecânico e foi ali que aprendi a operar máquinas industriais, tornos, fresas, retíficas etc. E como tudo evolui, minha formação já estava ficando ultrapassada devido à automação que começava a ser implantada nas indústrias. Teria que me atualizar, fazer o curso de mecatrônica e confesso que parecia ser tentador abraçar a carreira na indústria. Desde criança pensava em aprender robótica. Não segui e esse foi para mim um divisor de águas.

<sup>1</sup> Designer e bonequeiro, criou recentemente a Escola VIRTUAL - Mecânica da Alma, direcionada ao trabalho de construção de bonecos, seus mecanismos, articulações e novas técnicas de animação.  
E-mail: nazarenobonecos@gmail.com

Felizmente o artista dentro de mim venceu a curiosidade por conhecer e a coragem de me aventurar em outras áreas como o comércio, a publicidade e propaganda onde pude desenvolver e praticar um pouco de arte, até encontrar a profissão que levaria por toda a vida.

Minha procura pela profissão tinha três requisitos importantes: relação com artes plásticas, viajar pelo mundo e fazer amigos. Experimentei trabalhar com venda de anúncios de jornal e revistas; fiz sociedades e empreendi alguns negócios numa empresa de arte em jato de areia. Depois trabalhei numa empresa de produtos e bonecos em fibra de vidro, mas ainda não era o que buscava.

Num dia de fevereiro de 1994, um amigo e produtor cultural me convidou para conhecer um artista que ele estava por produzir. Era o bonequeiro Alexandre Boss, que até hoje confecciona bonecos de luva em espuma (denominados por ele de bocas-mole) e os vende como material didático nas escolas infantis e maternas. Alexandre tinha terminado com seu Grupo de Teatro Animando Boneco fundado em Florianópolis, SC, e retornado a Caxias do Sul. Vivia com sua mãe e ali nos mostrou álbuns de fotos dos seus espetáculos. Abriu um baú antigo de madeira, restaurado por ele, onde guardava seus bonecos mais preciosos. Eram marionetes feitas de serralha, marotes de estrutura de arame e espuma, bonecos de papel machê, fantoches etc. Descortinou-se um mundo novo para mim, fiquei fascinado, senti que

havia encontrado a atividade que adoraria aprender. Ali, senti dentro de mim, que aquilo eu poderia fazer.

Animado com tantas informações, comprei espuma e inspirado nos seus bocas-mole criei um personagem (uma tartaruga) que rapidamente vendi na primeira escola maternal em que mostrei. Não demorou muito e retornei à casa de Alexandre para mostrar-lhe os bonecos que havia feito e ele me convidou para ser seu sócio na fabricação dos bonecos e para remontarmos sua última obra teatral, o espetáculo *Onde está minha galinha*. Na peça eram usados bonecos do tipo marote, bonecos de balcão, de luva, de vara e seu público principal eram as crianças.

Foram dois anos incríveis de parceria e muitos aprendizados com o mestre construtor bonequeiro. Na biblioteca de Alexandre li alguns exemplares da antiga *Revista Mamulengo*, li também *O ator e seus duplos*, de Ana Maria Amaral e outros textos. Aos poucos, fui criando meus próprios personagens de espuma, os boca-moles, ampliando a família de bonecos, viajando pelos Estados do RS e SC, visitando escolas, Secretarias de Educação e Prefeituras. Vendíamos o suficiente para seguir acreditando na evolução desse trabalho. Enquanto pesquisava as técnicas tradicionais, pensava em como fabricar mecanismos e articulações que ajudassem a melhorar os movimentos dos bonecos.

No mesmo ano de 1994 fomos prestigiar o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, na cidade de Canela, RS, idealizado e organizado pela AGTB - Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos. Na época era o maior festival da América Latina, atraía bonequeiros de todo o mundo, estava na sua 6ª edição. Fomos participar expondo os bocas-moles na praça e, ao mesmo, tempo mostrando em escolas. Assistimos alguns espetáculos na rua e outros nos Teatros, com ingressos presenteados por bonequeiros. Não esqueço o espetáculo *Bonecrônicas*, dos gêmeos Ubiratan e Tiarajú, do Grupo Anima Sonho, de Porto Alegre, que assisti

diversas vezes na Praça do Teatro de Canela. O Grupo começou a “animar meus sonhos” de um dia também subir nos palcos e fazer sucesso como eles.

Conheci muitos bonequeiros e bonequeiras do Rio Grande do Sul como, Tânia de Castro, Graziela Saraiva, Mario de Balentti, Paulo Fontes, Paulo Balardim, a família Sena do Grupo Tim – Teatro Infantil de Marionetes (o mais antigo do RS) e aquele que se tornaria um grande parceiro e incentivador, o bonequeiro Nelson Haas, do Grupo Só Rindo, hoje com sede em Caxias do Sul. Nelson, naqueles anos, igual a mim, também estava batalhando pela sobrevivência vendendo seus bonecos fantasmínhas na praça, ele que também fora aprendiz de Boss, em Florianópolis.

Participar do Festival de Canela foi maravilhoso e a partir disso passei a sonhar. Coloquei como meta um dia estar na programação do evento, apresentar um ótimo espetáculo, receber convites para outros festivais pelo mundo, porque muitos produtores iam aos eventos para selecionar espetáculo. O festival se tornou minha maior fonte de inspiração, motivação para pesquisas e criações. Depois de cada edição, voltava para casa cheio de ideias para novos bonecos/personagens que levaria ao próximo festival, para mostrar aos bonequeiros e quem mais se interessasse. Participamos por dez anos consecutivos do Festival e o sentimos gigante, mas depois vimos o Festival quase terminar. Por sorte ainda se mantém até hoje. Para mim, os pontos altos eram os desfiles de bonecos que sempre viravam uma grande festa integrando artistas e público. Outro ponto forte era a programação não oficial (*Off*) que acontecia nas madrugadas no Grande Hotel Canela onde se hospedavam a maioria dos grupos e bonequeiros. O Festeneco, assim denominavam a programação *Off*, era o momento em que músicos embalavam as noites revezando com performances e esquetes de quem quisesse mostrar sua “brincadeira”, seu trabalho. Posso dizer que sou cria do Festeneco, porque foi onde me apresentei pela primeira vez,

e para a melhor e mais difícil plateia do mundo: plateia formada praticamente por bonequeiros. E pela sua reação senti que estava no caminho certo.

Após dois anos de parceria com Alexandre Boss, em 1996 fundei minha própria Companhia. Criei a Cia. Nazareno Bonecos com minha esposa, Viviane Maltauro. Com ela montei meu primeiro espetáculo infantil *Meu Coelhinho da Páscoa*, feito com marotes. Depois montamos *Minha amiga onça*, com fantoches e *Uma cilada para Dentinho*, com fantoches e bonecos de balcão, trabalhos que apresentávamos em escolas maternas de cidades do interior do RS.

Particpei de algumas montagens e remontagens com outros bonequeiros como Elton de Andrade Casara, também caxiense, mestre do meu mestre Alexandre, com quem remontamos e circulamos com uma de suas obras infantis, o espetáculo *A Transformação*. Usamos marotes, bonecos de espuma e estrutura de arame. Com Elton aprendi a fazer um tipo de teatro apoiado em roteiro e de improviso.

Outra parceria importante foi com o bonequeiro Nelson Haas. Fundamos dois grupos paralelos aos nossos, o Camugerê e o Bonecos sem Fronteira, pois tínhamos muitas afinidades. Juntos éramos mais fortes, nossos trabalhos se completavam nos extremos, enquanto Nelson brinca com bonecos simples, como uma sacola plástica, eu entro com bonecos mais técnicos e articulados. Uma ótima combinação.

Foi Nelson quem praticamente me empurrou para o “palco” do Festeneco a mostrar a cena com a personagem “Mortinha”, meu primeiro boneco com uma técnica inédita que criei. Era um tipo de boneco de luva que apelidei de Fantonete, mistura de fantoche com marionete por causas dos fios que precisei colocar para melhorar os seus movimentos. Esta técnica foi inspirada nos bonecos de luva do marionetista chinês Yang Feng, já falecido. Fiquei impressionado como os movimentos dos seus bonecos que tinham um tipo de pernas que o nosso mamulengo não tem, podiam mexer os

dedos, pegar alguns objetos e até trocar as feições do rosto. Achei incrível e abri minha mente para outras possibilidades. Voltei para casa a imaginar como eram os mecanismos que ele usava. Nunca os vi pessoalmente, mas ao meu modo, com um alicate e arames fui construindo um boneco de luva cheio de mecanismos. No princípio não sabia qual personagem estava criando, apenas havia decidido começar pelo esqueleto para ir preenchendo com espuma e chegar ao personagem final. Como no teatro a gente começa com uma ideia e, muitas vezes, termina com outra, ele ficou só no esqueleto mesmo, um boneco personificação da morte.

Nelson também me ajudou na criação do texto que alertava de forma irônica sobre os malefícios do cigarro e, graças a Deus, foi um sucesso. Todos gostaram muito principalmente pela técnica de construção e manipulação, em que uso uma estrutura de coluna com articulação na cabeça, boca, braços e mãos com dedos móveis, tudo em arame galvanizado revestido com tiras de espuma. As duas mãos as movimento com hastes articuladas por fios, elásticos e argolas manipuladas por cada dedo da mão; posso mover a cabeça em todas as direções, mover boca e também os dedos possibilitando trocar o seu gadanho (foice) de uma mão para outra.

Com essa técnica criei outros dois personagens: um alquimista e um boneco manipulador que movia dois bonequinhos de luva. Ou seja, um boneco manipulava dois títeres. O alquimista, infelizmente, até hoje não consegui concluir sua cena. E o boneco manipulador desapareceu junto com outros bonecos que eu estava construindo.

Na sequência, descobri na capoeira uma nova paixão e desse amor nasceu outra pesquisa: o desafio de criar um boneco capoeirista com apenas um bonequeiro para realizar os movimentos da Capoeira Angola. Nasceu Seu Bento, um boneco de mesa, inspirado na técnica de manipulação direta, todo feito em arame galvanizado, com mecanismos

e articulações nos braços, pernas, coluna, todo movimentado por fios com gatilhos presos em cada dedo das minhas mãos. Foi um grande desafio! No endereço que segue se pode ver parte do trabalho:

<https://www.youtube.com/watch?v=80w8Fogs0xE>

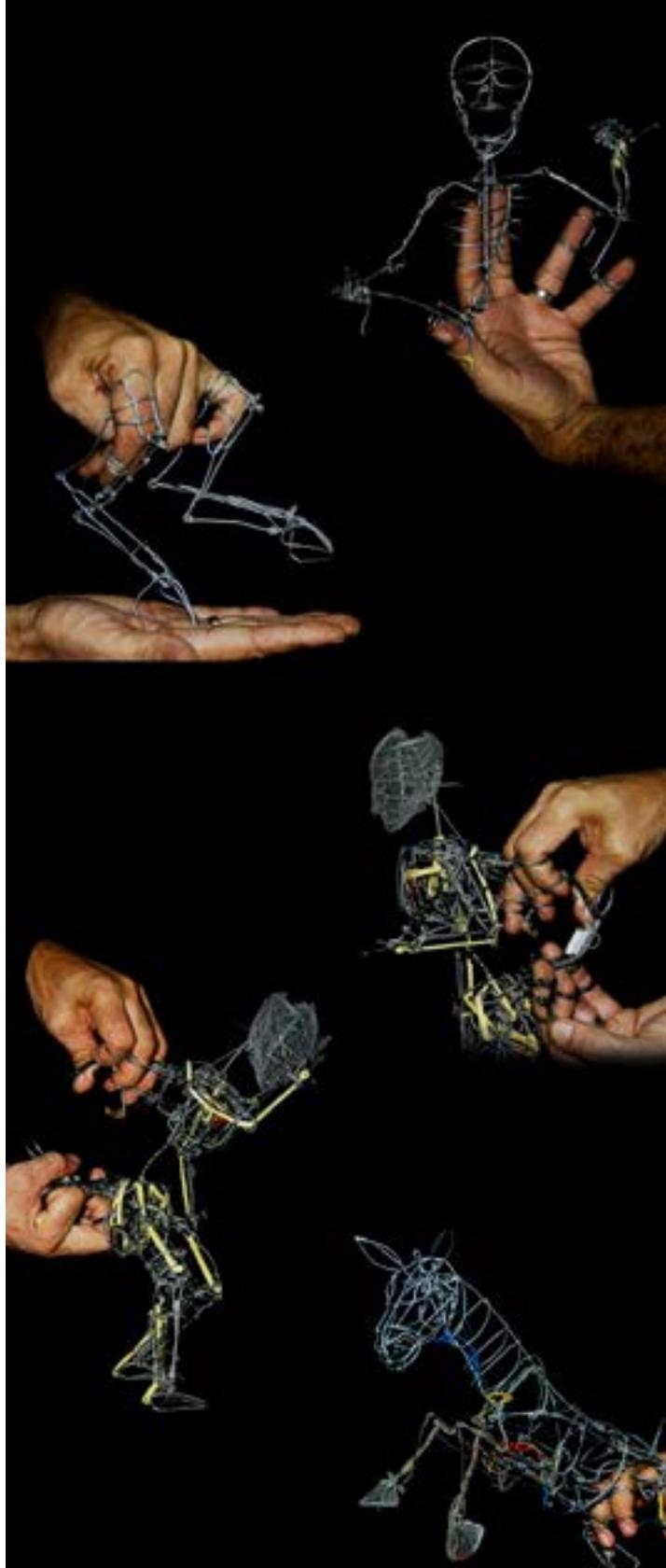
<https://www.youtube.com/watch?v=8Sq-CVft3bY>

Motivado por resultados desse experimento, confeccionei dois bonecos como protótipos, o que resultou numa síntese em que aproveitei a parte superior de um boneco e acoplei na parte inferior do outro. Apresentei essa cena no programa Domingão do Faustão, da Rede Globo e teve boa repercussão.

Cada vez mais motivado criei a Bateria de Capoeira, o conjunto musical dessa dança tradicional brasileira, formado por sete bonecos tocando simultaneamente os seus instrumentos: três com berimbau, pandeiro, atabaque, reco-reco e agogô. O desafio do projeto também era contar só com um manipulador, mas para facilitar o fiz para dois bonequeiros. Inspirei-me na estrutura da famosa Casa de Farinha de Mestre Saúba. Fiz uma base e preendi os bonecos um ao lado do outro. Um manipulador animava os bonecos por meio de mecanismos de arame de aço, fios de nylon, elásticos e um teclado do tipo piano, usado para mover os braços dos bonecos; o outro bonequeiro movia as bocas por meio de gatilhos e fios de nylon. A Bateria evoluiu, hoje consegui adotar um mecanismo de rotação com motor 12 volts que possibilitou o apoio para tocar todos os instrumentos por apenas um bonequeiro.

Atualmente, por conta de meus estudos práticos em animatrônica, implantei um sistema eletrônico de última geração na Bateria da Capoeira, possibilitando manipulá-los por controle remoto, com um programa gravado e também no sistema manual. Neste endereço é possível ver parte da cena.

<https://www.facebook.com/1315375246/s/10222324455563008/?sfnsn=scwshmo&extid=XjppqeGhKhD9JWB0Q>



Desta técnica de manipulação de mesa através de gatilhos, usada na Bateria de Capoeira, nasceu uma nova forma, mais evoluída, com o dobro de gatilhos, novas articulações e possibilidades de movimentos. Surgiu um personagem meio cibernético, representando um homem máquina, em que utilizo duas argolas em cada dedo.

Realizei outro estudo de técnica e movimento para bonecos de mesa, para o personagem Fauno,

que nasceu ao acaso. Queria criar um mecanismo para reproduzir os movimentos de perna de animais e seres mitológicos que dobram seus joelhos para trás. Aproveitei partes de armações de guarda chuva ou sombrinhas. Prendi duas dessas hastes numa luva de tecido. Ao simular as pernas e provar os movimentos descobri que eu poderia fazer uma ave. Assim nasceu uma avestruz que podia correr, pular, mover a cabeça para baixo e para cima, com movimentos perfeitos.

Capoeirista. Foto: Felipe Samuel Baldissera.



Isso me inspirou a criar um cavalo aproveitando a mecânica das patas de trás já solucionadas no avestruz. Comecei a criar a parte dianteira e durante a criação me desafiei a fazer um centauro!

<https://www.facebook.com/paulonazareno.bernardo/videos/1094588063923908/>

Como resultado nasceu Fauno, feito de espuma encontrada na rua. A parte de trás do cavalo (Fauno)

foi inspirada num espetáculo indiano que havia assistido no Festival de Canela, no qual os bonecos eram manipulados por três hastes saídas de suas cabeças e presas num capacete usado pelo ator manipulador. Os indianos se referiam a estas hastes como energias das três Divindades: Brama, Vishnu e Shiva. Com este recurso pude cumprir meus objetivos de manipulá-lo sozinho, sem precisar de um segundo ator. Para isso, fiz uma armação de arame circulando minha cabeça, com pontos acima da orelha para fixar

Fauno. Foto: Felipe Samuel Baldissera.



dois fios de nylon que preendi em pontos na mesma altura da cabeça do boneco. E isso serviu para outro boneco que estava criando, o NanettoPipetta.

NanettoPipetta foi meu primeiro personagem de tamanho grande, com um metro de altura, idealizado a partir de um livro da época da imigração italiana no sul do Brasil. 1925 para ser exato. Primeiramente o havia construído inspirado no tradicional Kuruma Ningyo japonês, em que o boneco é amarrado na cintura do ator, que atua sentado num banquinho com rodas, todo feito em madeira. Os pés do boneco são presos aos pés do ator; seu tronco é sustentado por uma haste de arame duro fixada na coluna do boneco; a cabeça é presa por fios conectados na cabeça do ator; e com suas mãos ele manipula as mãos do boneco. Uma técnica excepcional! Ela foi usada numa cena da peça *Historias de Assombros e Tesouros*, do Grupo Camugere. Diferentemente dos japoneses que o fazem totalmente em madeira, eu construí do meu jeito, com os materiais disponíveis: arames, canos de PVC, espumas. Com o estudo dessa técnica criei os mecanismos de mãos e dedos, possibilitando ao boneco pegar diretamente os objetos de cena.

Como afirmei, construí NanettoPipetta para manipulá-lo sentado no banquinho, com mecanismos para manipular com minha boca, meus dedos e tudo que podia inventar. No entanto, nos primeiros ensaios das cenas não conseguia fazê-lo com a dinâmica que o personagem exigia. De repente retirei o banquinho, a haste e me levantei. Foi incrível, quase um milagre, ficou perfeito: podia correr, pular, agachar. Esse boneco segue evoluindo, cresceu em altura para melhorar minha postura, criei mecanismos para mover olhos, sobrancelhas e a língua. Depois nasceu sua companheira, Geléia, animada por Vivi Maltauro: <https://youtu.be/NufRPCXjrco>

A profissão de bonequeiro(a) cria a sensação de pertencer a uma grande família espalhada pelo mundo, onde temos prazer em compartilhar nossos conhecimentos com outras pessoas, para o nosso

crescimento e para a popularização de nossa arte. Arte, em minha opinião, pouco valorizada pela sociedade e desprezada pelas políticas culturais.

Por isso passei a realizar oficinas de construção de bonecos, primeiramente voltadas para iniciantes, como estudantes e professores. Ensino técnicas de confecção com materiais simples, de fácil acesso para as escolas, utilizando jornal, fita adesiva, papelão, barbantes etc.

<http://nazarenobonecos.blogspot.com/p/oficinas-de-construcao-e-animacao-de.html?m=1>

<https://www.youtube.com/watch?v=FNSGRuwPggq>

Também ministro oficinas direcionadas para bonequeiros profissionais e nelas ensino mecanismos e articulações, contribuindo assim, para a profissionalização e aperfeiçoamentos técnicos. Recentemente lancei minha escola virtual onde qualquer pessoa pode se inscrever ou iniciar sua formação. Basta acessar: <https://nazareno-bonecos.teachable.com/>

Com a minha Cia. NB apresento espetáculos e atuo também na criação de cenografias, bonecos e elementos cênicos para outros grupos de teatro, dança, música. Construo alegorias, bonecos gigantes para desfiles temáticos empregando materiais como ferro, fibra de vidro, poliuretano, isopor, todo tipo de materiais. Outra área de trabalho em que atuei foi a criação de bonecos de vestir (mascotes) para publicidade e marketing, bonecos para vídeos de animação, programas de TV, até chegar a criação e fabricação de animatrônicos.

A Cia. NB - Nós Bonecos, completa um quarto de século, sempre trocando com os mais variados estilos. Levamos nossos bonecos (na verdade eles quem nos levam) a diversas cidades e estados brasileiros de sul ao norte e a outros países como, Argentina, Itália, Chile, França, Bélgica, México,

Taiwan e até na ilha de Páscoa onde me apresentei, pela primeira vez em língua espanhola, para um público que nunca tinha assistido teatro de bonecos.

Por último, é necessário ressaltar o papel fundamental dos Festivais de Teatro de Bonecos

no Brasil. Os festivais propiciam aprendizagem, possibilitam a troca de experiências e conhecimentos; alimentam e motivam a realização de nossos sonhos de artistas bonequeiros.

Estrutura para corpo humano. Foto: Felipe Samuel Baldissera.

